

## **O TRABALHO FORÇADO POR QUEM O VIVEU**

---

Como foi implementado o Chibalo no Moçambique colonial? O Código do Trabalho dos Indígenas nas Colónias Portuguesas, de 1928, constitui o documento legal de base do sistema, que vigorou até 1962. Este Código seria complementado em 1930, no que respeita a Moçambique, por um conjunto de Regulamentos. Estes estabeleciam três tipos de trabalho obrigatório: (1) para agências governamentais ou municipalidades; (2) para efeitos relacionados com a reparação de danos causados pelas calamidades naturais; e (3) para serviços ligados às condições de vida dos «nativos» e à agricultura, incluindo a manutenção de estradas. Alegava o Estado colonial que, para além destas funções excepcionais, a utilização do trabalho forçado para fins privados era expressamente proibida. No entanto havia um subterfúgio como se pode constatar a partir da formulação da lei: **«O Governo da República (de Portugal) não impõe nem permite que qualquer forma de trabalho obrigatório ou forçado seja exigido aos indígenas das colónias para fins privados, mas insiste que estes cumpram o DEVER MORAL (sublinhado nosso) que necessariamente sobre eles recai de assumirem, através do trabalho, os meios de subsistência, contribuindo assim para os interesses gerais da humanidade.»** Assim, o dever moral criou os mecanismos do trabalho forçado. Claro que era o Estado quem implementava tal dever «moral» de trabalhar, considerando como «ociosos» todos os camponeses ligados à agricultura familiar e arrastando-os periodicamente para o trabalho Chibalo.

---

A força da lei conta parte da história do sistema; bastante mais significativos, porém, são os relatos das suas vítimas. As entrevistas que a seguir se publicam são apenas um fragmento da experiência que pode ser recordada.

## **A CAÇA AO HOMEM**

As caçadas humanas periódicas que se faziam para obter trabalho Chibalo, foram particularmente intensas nos locais em que as grandes plantações, tal como na província da Zambézia, necessitavam de fornecimentos regulares e abundantes de mão-de-obra. **Lofas Nzampo** trabalhou pela primeira vez como Chibalo em 1927. Entrevistado cinquenta anos mais tarde, em 1977, no comonde Luabo, da Sena Sugar Estates, contou como foi capturado da primeira vez:

**PERGUNTA — Onde nasceu e há quanto tempo trabalha aqui?**

**RESPOSTA —** Sou da Angónia. Trabalho aqui desde 1927.

**— Como soube que havia emprego aqui? Que a SSE existia?**

— Fomos recrutados para vir para aqui por sipaios; deram-nos dinheiro e mandaram-nos para aqui.

**— Como é que os sipaios recrutavam as pessoas para vir trabalhar para aqui?**

— Quando a gente recusava batiam-nos e amarravam-nos.

**— Esses sipaios eram da Administração?**

— Eram do Governo, do Posto.

**— Os homens recrutados iam só para a SSE, ou eram mandados também para outros sítios?**

— Eram recrutados só para a SSE em Marromeu, Caia e Mopeia.

**— Quando é que começou o sistema de recrutamento através de sipaios?**

— Começou com os nossos pais, mas eles eram recrutados para a tropa. Se recusavam, eram batidos.

Na Angónia, os homens fugiam do recrutamento para o Chibalo:

— Nessa altura costumávamos esconder nas montanhas. As nossas mulheres traziam-nos comida num balde. Parecia

que iam buscar água mas iam levar-nos comida. Se ouvíamos um cão a ladrar, sabíamos que os sipaios tinham chegado. Eles mandavam abrir a porta e perguntavam às mulheres onde estavam os maridos delas. Se a mulher não dizia era batida. Procuravam-nos como se fôssemos ratos. As nossas mulheres continuavam a levar-nos comida lá no mato. O recrutamento continuou, continuou, continuou e tivemos de sair da nossa terra para outro sítio. Aqueles brancos tinham vindo para nos enganar, e não tínhamos tempo para descansar. Éramos tratados como bois, davam-nos 200 escudos para sairmos da nossa terra e ir trabalhar para a SSE.

Assim era a caça ao homem para o Chibalo, contra a qual se organizavam famílias e comunidades inteiras.

Presente nesta entrevista realizada no comonde Luabo, estava **Armando Juma**, que veio do Alto Molócuè, mas que teve uma experiência similar.

**PERGUNTA — Como era o sistema de recrutamento e o trabalho no Alto Molócuè?**

**RESPOSTA —** Vou contar o que ouvi, mas que é a mesma coisa que tivesse feito com as minhas próprias mãos. Na nossa terra éramos castigados. Na nossa terra, os homens a princípio não dormiam dentro de casa. Tinham medo do recrutamento. E nessa altura não havia transporte. O povo andava a pé e os brancos eram carregados em machilas. Da nossa terra até Mocuba eram 200 quilómetros. Os homens que eram presos eram obrigados a carregar dois sacos de cimento desde o Alto Molócuè até Mocuba. Ao mesmo tempo tinham de carregar outros sacos com comida, e com um peso tão grande que uma pessoa não aguentava. Se tinhas uma filha podias dá-la aos sipaios e assim conseguir carregar menos peso. Depois de chegar a Mocuba regressávamos a casa mas mandavam-nos parar outra vez no caminho. Mesmo que uma pessoa dissesse que estava a trabalhar, os sipaios respondiam que não era esse o trabalho que era preciso fazer. E tínhamos que ir carregar lenha do mato para a cidade. Até as mulheres eram recrutadas para carregar lenha. Depois de cumprir este castigo, quando chegávamos a casa, começávamos a pensar em fugir, à noite. À noite não tínhamos medo das pessoas da zona. Tínhamos medo dos sipaios. Se por acaso encontrávamos um sipaio e ele nos perguntava onde é que uma pessoa ia, pronto. Levávamos para outro serviço. Depois ouvimos falar da Companhia

SSE, que tinha começado a trabalhar aqui e viemos apresentar-nos. Quando começámos ganhávamos muito pouco. Mas ficámos porque ouvimos dizer aos nossos amigos que tinham ficado na terra, que eles estavam a sofrer muito com o recrutamento e por isso não queríamos regressar à nossa terra. Alguns começaram a pagar o imposto aqui e outros foram para Salisbúria. As pessoas iam para a Rodésia, para o Joni, e para Tete e, uma vez que havia uma Companhia aqui nós ficávamos aqui. (...)

As rusgas para o Chibalo prosseguiram continuamente através de todo o território. **Dinani Xilenge**, que tinha 80 anos de idade na altura em que foi entrevistado em Homoine, Célula Khambane, na província de Inhambane, era pastor quando criança, tendo nessa altura sido capturado numa rusga de Chibalo. Os sipaios utilizaram a artimanha para vencer as suspeitas das mulheres:

**PERGUNTA — Como é que o prenderam?**

RESPOSTA — Vieram de manhã cedo quando ainda estávamos todos a dormir e disseram às mulheres para nos acordar. Eles disseram às mulheres que havia pessoas à procura de gente para trabalhar, lá fora. Quando a gente saiu então eles saltavam para cima de uma pessoa, amarravam e levavam-nos. Às vezes vinham no meio da noite, batiam à porta e ameaçavam arrombar se a gente não abrisse. Iam de casa em casa até prenderem o número de pessoas que queriam e depois levavam-nos para casa do régulo, e aí éramos distribuídos à Administração, onde escreviam os nossos nomes e nos distribuía por diversos homens brancos (que tinham pedido determinado número de trabalhadores Chibalo à Administração. (...))

O Chibalo não era só obtido pela Administração: Xilenge contou como um ex-soldado português e machambeiro «conseguiu» a sua mão-de-obra:

— Depois de ter terminado o meu contrato (trabalho Chibalo na plantação de açúcar de Xinavane) voltei a casa para descansar, mas não passou muito tempo até ser preso outra vez e levado para o Chibalo. Desta vez mandaram-me para o Alberto — de alcunha «Noventa». «Noventa» era um grande machambeiro e eu fiz Chibalo lá durante 6 meses. Não era o «Chibalo próprio» porque este homem não mandou pedir à Administração um certo número de trabalhadores Chibalo. Ele foi e prendeu pessoas ele mesmo e obrigou-as a trabalhar na

machamba dele. Ele tinha pertencido ao exército português que prendeu o Gungunhana (1895). Depois da guerra recebeu muitas terras das autoridades portuguesas e estabeleceu-se como machambeiro.

— **Recebeu algum pagamento no fim do seu «contrato» de seis meses?**

— Deram-me 300\$00 na Administração. O «Noventa» nem sequer nos dava comida. As nossas próprias mulheres ou famílias tinham de trazer-nos comida todos os dias enquanto trabalhávamos para aquele machambeiro.

## ULTRAPASSANDO A LEI

Segundo os Regulamentos do Chibalo, os homens que tivessem trabalhado pelo menos seis meses na Colónia ou os homens que tivessem regressado de trabalhar no estrangeiro, não deviam fazer Chibalo. Estes Regulamentos, no entanto, foram abertamente ignorados.

Por vezes, como na experiência de **Alfredo Sithole**, entrevistado no Distrito do Guijá, na província de Gaza, o período de seis meses era prolongado à força:

**PERGUNTA — Já fez Chibalo?**

RESPOSTA — Chibalo? Fiz Chibalo seis vezes!

— **Seis vezes!? Onde é que fez pela primeira vez ?**

— Fiz o meu primeiro Chibalo aqui na Macia, nas Obras Públicas.

— **Qual era o seu serviço?**

— Nas estradas — construíamos estradas. Eu era carregador — carregávamos a terra em camiões e cavávamos as fundações da estrada.

— **Em que ano é que isso foi? Lembra-se?**

— Foi em 1941, e trabalhei durante um ano.

— **Um ano? Ouvimos dizer que o Chibalo era seis meses...**

— Era um ano. Eu trabalhei um ano aqui nas Obras Públicas. Tornei a ser preso pouco depois de sair e mandado para o lugar do homem branco em N'wandzengele (porto de Lourenço Marques). Trabalhei nos caminhos de ferro do porto.

— **Quanto tempo trabalhou aí?**

— Trabalhei seis meses.

— **Quanto é que recebeu e trouxe para casa no fim do contrato?**

— Recebi sete libras (700\$00), e destas paguei 200\$00 em imposto de palhota.

Mineiros que regressavam a casa no fim dos seus contratos de trabalho nas minas sul-africanas, eram por vezes desviados directamente para o Chibalo:

**J. Sithole** — Mesmo quando uma pessoa tinha pago o imposto e tinha chegado há pouco tempo das minas, eles prendiam essa pessoa e mandavam-na para o Chibalo. Mineiros que voltavam tinham que deixar a bagagem na Administração onde eram presos antes de chegar a casa e mandados para o Chibalo.

**Salomão Nyalunga**, entrevistado em Matukanyana, na província do Maputo, deu um exemplo de como acusações falsas eram feitas contra os trabalhadores para os obrigar a continuar no Chibalo:

— Acontecia muitas vezes que quando uma pessoa estava quase a acabar o Chibalo, o machambeiro arranjar uma acusação falsa contra ele: ele seria acusado de roubo de ferramentas, galinhas ou qualquer outra coisa. Era julgado; seria batido e expulso do serviço. O machambeiro então escrevia uma carta para o Administrador a quem o homem tinha sido requisitado em primeiro lugar, e diria que tal pessoa tinha desertado. As consequências disto seriam: primeiro, o trabalhador Chibalo não podia reclamar o seu pagamento da Administração, ou seja, o dinheiro que receberia no fim do contrato, pois este só lhe era dado perante o contrato devidamente assinado pelo machambeiro. Em segundo lugar, o trabalhador Chibalo expulso estava disponível para ser preso e enviado para outro período de Chibalo. Por esta razão, a pessoa em causa não se atrevia a aproximar-se da Administração da sua zona para se queixar contra as falsas acusações e despedimento ilegal. Era assim a exploração colonial. Quando se estava a fazer Chibalo, a nossa mulher tinha que trazer alguma comida porque a que davam lá era intragável. Isto queria dizer de facto que tanto o homem como a mulher estavam a fazer Chibalo. Entretanto o que acontecia à nossa família? As nossas crianças sofriam, e as nossas mulheres estavam à mercê do polícia que nos tinha ido prender para o Chibalo.

## **GREVES CONTRA O CHIBALO**

O trabalho Chibalo era uma forma extrema de trabalho obrigatório; recrutados à força pela Administração e sua polícia, estes trabalhadores não tinham quaisquer direitos e estavam desorganizados.

Interrogados sobre se os trabalhadores Chibalo tinham efectuado alguns protestos contra as suas condições, alguns entrevistados foram sarcásticos:

**«Greves? afirmou-nos um deles, como podíamos entrar em greve? Se lutássemos com essa gente (os patrões da Sugar Estates), estaríamos a lutar contra o próprio regime colonial. Eu, pessoalmente, nunca ouvi falar de qualquer greve feita pelos trabalhadores Chibalo contra os seus empregadores. Talvez tivesse havido greves mas eu nunca ouvi falar disso.»**

Segundo acrescentou ainda o mesmo entrevistado, os trabalhadores Chibalo **«tinham medo do homem branco porque o homem branco havia de lhes bater (se não ficasse satisfeito com o serviço feito). O homem branco havia de insultar o capataz porque ele estava a ser muito mole com os trabalhadores Chibalo. O branco havia de bater no capataz com uma vara de bambu. Faziam-nos baixar e batiam-nos nas costas com toda a força com o bambu.»**

— **E tentou resistir a essa punição?**

— Não. Como podíamos lutar contra o capataz?

No entanto, durante as conversas que manteve com trabalhadores que tinham feito Chibalo nas plantações de açúcar de Xinavane, o nosso entrevistador Alpheus Manghezi registou duas greves diferentes, uma ocorrida em 1943, e a segunda 13 anos mais tarde, em 1956.

**Alfredo Sithole**, entrevistado no distrito do Guijá, província de Gaza, referiu-se a uma greve de trabalhadores Chibalo ocorrida em 1943.

**PERGUNTA — Porque é que entraram em greve?**

**RESPOSTA —** Porque eles não nos davam comida — e como não nos davam comida entrámos em greve. E porque depois melhoraram a qualidade da comida acabámos a greve.

— **Quanto tempo durou a greve?**

— Dois dias.

— **Quem era o vosso chefe — lembra-se da pessoa que dirigiu a greve?**

— Não houve chefes, foram as pessoas todas.

— **Mas quando vocês estavam lá, todos vocês, houve alguém que organizou a colsa?**

— Alguém que se levantou e disse aos outros que devíamos entrar em greve?

— **Sim, isso mesmo. Quem foi o chefe da greve?**

— Era alguém de Ximbutsu — era Bongwe.

— **Portanto era Bongwe o chefe da greve. E o que é que lhe aconteceu por ter mobilizado os trabalhadores para entrarem em greve?**

— Eles disseram que Bongwe não estava interessado em trabalhar, só queria incitar os outros à greve, e disseram-lhe para fazer as malas e ir embora!

— **Expulsaram-no?**

— Mandaram-no embora para casa.

— **Mandaram-no embora ou prenderam-no?**

— Escreveram uma carta e mandaram ao Administrador dele.

— **Sabe o que lhe aconteceu quando voltou para Ximbutu?**

— Não sei o que lhe aconteceu quando chegou a esse lugar.

**Dinani Xilenge**, de Homoine, na província de Inhambane, participou numa greve de um grupo de trabalhadores Chibalo de uma machamba chamada Mapinga que foram mandados de Inhambane para trabalhar nos campos açucareiros de Xinavane.

**PERGUNTA — Pode explicar como é que isso aconteceu?**

**RESPOSTA** — Eu estava em casa há poucas semanas quando eles me prenderam e mandaram para as plantações de açúcar de Xinavane.

— **Deram alguma explicação sobre as causas da sua prisão?**

— Disseram-me que eu ia trabalhar para o Governo. Julga que quando prendiam uma pessoa para o Chibalo essa pessoa ia trabalhar para ela? Ia trabalhar para o Governo!

— **O que aconteceu quando chegou a Xinavane?**

— Depois de nos terem apanhado mandaram-nos para Xinavane e puseram-nos a passar a noite no comonde da Wenela, perto de Xinavane. No dia seguinte fomos levados para a plantação de açúcar e puseram-nos a trabalhar. Um dia, já estávamos em Xinavane há alguns meses, deram-nos farinha com um molho feito com semente de rícino. Foi na hora do almoço e nós estávamos todos em bicha para receber as nossas rações. Deram-nos um prato de farinha e um pouco de molho que parecia muito apetitoso. Mas quando tentámos comer, o molho queimou as nossas gargantas. Depois de engolir a segunda ou terceira colherada, uma pessoa começava a ficar com uma diarreia terrível. Foi terrível, e muitas pessoas morreram nesse dia. Por causa disso, entrámos todos em greve. Foi uma greve muito séria e as autoridades não conseguiram convencer os trabalhadores a voltar ao trabalho até



que os Régulos dos Distritos a que pertenciam os trabalhadores foram todos chamados a Xinavane. Foi na altura do Régulo Valente.

— **Quem era o Régulo Valente? — Era o Régulo da zona de Xinavane?**

— Era Régulo de Bhukuxa (distrito de Homoíne).

— **Então as autoridades tiveram de chamar os Régulos — e depois?**

— Nós queríamos que eles viessem ver a comida que nos estavam a dar. Dissemos-lhes que era essa razão pela qual tínhamos entrado em greve e que estávamos dispostos a ir embora para as nossas casas em Homoíne, Vilanculos, Morrumbene, Maxixe e Manjacaze, a pé! Todos os trabalhadores tinham entrado em greve por causa da comida que nos tinham dado.

— **Lembra-se em que ano é que isso aconteceu?**

— Não me lembro bem, mas acho que foi em 1956.

— **Pensa que foi em 1956 — pode dizer mais alguma coisa sobre o que aconteceu nessa altura?**

— Foi uma grande greve. Recusámo-nos a comer mais comida; partimos os pratos e recusámo-nos a trabalhar. Dissemos-lhes que não íamos trabalhar sem comida mas que também não havíamos de comer a comida que eles nos quisessem dar. Eles chamaram o homem branco — os grandes patrões brancos para virem falar connosco, mas dissemos-lhes que estávamos decididos a ir para casa. Eles fizeram telefonemas para Manjacaze, para Homoíne e outros sítios.

— **Quem é que dirigiu a greve? Havia alguém a dirigir?**

— Sim, havia chefes.

— **Lembra-se dos nomes deles?**

— Eram da nossa zona — havia aquele homem — como é que se chamava? Havia um chefe de Nyampupu — chamava-se Mkuku, e havia outros de outros sítios mas não me lembro dos nomes deles. Quando recordo tudo aquilo — bem, muita gente morreu naquele dia!

— **Oue aconteceu depois dos Régulos terem sido chamados a Xinavane?**

— Depois dos Régulos chegarem, as autoridades tentaram falar com eles, mas nós não deixámos — levámo-los para os campos e ficámos lá com eles. No entanto dois chefes (de Homoíne) falaram com as autoridades. Foram Bhukuxa (Valente) e Mkumba que disseram às autoridades «se não querem que o nosso povo de Homoíne venha trabalhar aqui, deixem-nos ir para casa. Porque é que lhes deram comida

**desta? Não sabem que as sementes de rícino não dão para alimentar pessoas? Trouxeram o nosso povo para aqui para o Chibalo e ainda por cima tentam matá-lo — porquê?»** Depois disto começaram a dar comida melhor: a partir desse dia começaram a matar hipopótamos para os trabalhadores comerem com a farinha, e ainda hoje os trabalhadores em Xinavane recebem carne de hipopótamo. Foi a carne de hipopótamo que salvou a Companhia (Incomáti).

**(As entrevistas com Lofas Nzamos e Armando Juma, no comonde Luabo, da Sena Sugar Estates, na Zambézia, foram conduzidas por Judith Head. As restantes entrevistas, incluindo os relatos das greves feitas por trabalhadores Chibalo nas plantações de açúcar de Xinavane, foram conduzidas por Alpheus Manghezi, durante a realização de trabalhos de campo nas províncias de Gaza, Inhambane e Maputo, nos anos de 1977, 1978 e 1979.)**